



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA – DCET II
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

CAROLINE ANDRADE DE PINHO ALVES PINTO

**AUTONARRATIVA DE UMA LICENCIANDA DO CURSO DE CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS A PARTIR DE VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO
I E II**

CAROLINE ANDRADE DE PINHO ALVES PINTO

**AUTONARRATIVA DE UMA LICENCIANDA DO CURSO DE CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS A PARTIR DE VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO
I E II**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Exatas e da Terra da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Magnólia Silva Queiroz

Alagoinhas-Bahia

2024

CAROLINE ANDRADE DE PINHO ALVES PINTO

**AUTONARRATIVA DE UMA LICENCIANDA DO CURSO
DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS A PARTIR DE VIVÊNCIAS
DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I E II**


Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia- *Campus II*, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Magnólia Silva Queiroz


Aprovada em: 17/07/2024

Nota: 9,0 (nove)


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **MAGNOLIA SILVA QUEIROZ**
Data: 23/07/2024 13:36:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Prof^a Magnólia Silva Queiroz
Mestrado em Botânica com ênfase em Fisiologia Vegetal
Universidade do Estado de Feira de Santana.

Documento assinado digitalmente
 **ALEXA ARAUJO DE OLIVEIRA PAES COELHO**
Data: 23/07/2024 08:42:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Alexa Araújo de Oliveira Paes Coelho
Pós-Doutorado em Botânica
Universidade Estadual de Feira de Santana.

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIA DA SILVA LEÃO**
Data: 23/07/2024 11:31:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Claudia da Silva Leão
Mestrado em Geoquímica e Meio Ambiente
Universidade Federal da Bahia.

Dedico ao Senhor, que, mesmo nos dias difíceis, sempre me amparou e me sustentou, e à minha família, que acreditou no meu potencial para completar esse processo da minha vida.

“Pois eu sou o seu SENHOR, o seu Deus, que o segura pela mão direita e diz a você: Não tema; eu o ajudarei.”

Isaías 41:13

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo amor e misericórdia derramada sobre a minha vida, por me iluminar e me conceder sabedoria nas horas mais difíceis, dando-me força e coragem para seguir minha jornada.

Agradeço aos meus pais, Andréia e Orlando, que estiveram ao meu lado nas horas difíceis e felizes da minha vida me dando suporte e fazendo acreditar que tudo seria possível.

Ao meu irmão Levy, pelas palavras de incentivo, pelo amor e cuidado que sempre teve comigo

Quero agradecer à Universidade UNEB e o seu corpo docente, que demonstrou estar comprometido com a qualidade e a excelência do ensino.

Agradeço a todos os professores da graduação pelo aprendizado e carinho.

À minha orientadora Magnólia Silva Queiroz, que embarcou comigo para me orientar neste trabalho, mas também por todo o carinho ao longo do curso.

À minha professora Claudia Leão que tanto me incentivou para finalizar essa etapa da minha vida e pelo aprendizado e carinho durante meu curso.

Ao meu grupo de amigos da faculdade, conhecido como Quadra clã, composto por Adriane Apóstolo, Ailton Carneiro, Caíque Grave, Joelson Santos, Letícia Reis, Michele Emilly, Wíara Santana e Ueverton Neves, vocês foram importantes na minha jornada da graduação fazendo meus dias mais incríveis e felizes.

Por fim, sou grata a mim, por ter acreditado que eu seria capaz, mesmo o mundo me dizendo ao contrário, por cada lágrima derramada nos dias que eu pensava que estava sozinha e não suportaria, pelos dias difíceis que eu os tornei melhores. Diante a outras situações, eu descobri que sou forte e posso todas as coisas, basta crer e acreditar, pois, dias melhores e floridos virão.

Obrigada!

RESUMO

O Estágio Supervisionado faz parte do currículo dos cursos de graduação e é fundamental para a formação do discente. Durante esse período, os conhecimentos adquiridos em sala de aula são aplicados ao contexto prático da futura profissão. Em março de 2020, o mundo foi afetado pelo SARS-CoV-2, pandemia de COVID-19, e enfrentou mudanças na rotina em todos os setores. No campo da educação não foi diferente: com a impossibilidade de realizar os encontros presenciais entre professores e alunos, na educação básica e no ensino superior, devido ao isolamento social, as aulas e estágios remotos surgiram como alternativas para reduzir os impactos negativos no campo de ensino-aprendizagem. No presente trabalho, “autonarrativa de uma licencianda do curso de ciências biológicas a partir de vivências do estágio supervisionado I e II”, busquei narrar e refletir sobre minhas vivências no Estágio Supervisionado I e II que marcaram minha trajetória e foram essenciais para a formação da minha identidade docente. Para a produção desse trabalho, foi utilizada a abordagem qualitativa e, como método, a narrativa autobiográfica, na qual realizei uma revisitação das minhas memórias e portfólio, que foi um instrumento de análise e reflexão das minhas experiências. Durante o período dos estágios supervisionados, enfrentei diversos desafios fundamentais para o meu crescimento profissional, pois cada dificuldade exigiu uma solução criativa com abordagem adaptativa. No entanto, cada obstáculo foi uma oportunidade para descobrir novas maneiras de ensinar e aprender. Ao longo desse processo, busquei constantemente aplicar metodologias educacionais que considerassem os diferentes perfis e necessidades das turmas em que trabalhei, o que tanto enriqueceu minha prática pedagógica quanto permitiu uma maior inclusão e engajamento dos docentes. O estágio presencial me preparou melhor para lidar com os desafios do ambiente educacional ao mesmo tempo em que me proporcionou valiosos aprendizados sobre a importância da flexibilidade, da empatia e da inovação no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Autonarrativa; Estágio supervisionado; Formação inicial.

ABSTRACT

Supervised internships are part of the curriculum of undergraduate courses and are fundamental to students' education. During this period, the knowledge acquired in the classroom is applied to the practical context of the future profession. In March 2020, the world was affected by SARS-CoV-2, the COVID-19 pandemic, and faced routine changes in all sectors. In the field of education it was no different: with the impossibility of holding face-to-face meetings between teachers and students, in basic education and higher education, due to social isolation, remote classes and internships emerged as alternatives to reduce the negative impacts on the teaching-learning field. In this paper, "Self-narrative of a graduate student in the biological sciences course based on experiences in supervised internship I and II", I sought to narrate and reflect on my experiences in Supervised Internship I and II, which marked my trajectory and were essential for the formation of my teaching identity. To produce this work, I used a qualitative approach and, as a method, an autobiographical narrative, in which I revisited my memories and portfolio, which was an instrument for analyzing and reflecting on my experiences. During my supervised internships, I faced several challenges that were fundamental to my professional growth, as each difficulty required a creative solution with an adaptive approach. However, every obstacle was an opportunity to discover new ways of teaching and learning. Throughout this process, I constantly tried to apply educational methodologies that took into account the different profiles and needs of the classes I worked with, which both enriched my teaching practice and allowed for greater inclusion and engagement among the teachers. The face-to-face internship better prepared me to deal with the challenges of the educational environment, while at the same time providing me with valuable lessons on the importance of flexibility, empathy and innovation in the teaching-learning process.

Keywords: Autobiographical narrative; Supervised internship; Initial training.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1- Lembrança do meu aniversário na minha primeira escola | 23 |
| Figura 2- Minha formatura da alfabetização | 24 |
| Figura 3- Confeção do filtro de água com garrafa pet..... | 30 |
| Figura 4- Carta de aluna escrita no final da minha regência | 31 |
| Figura 5- Carta escrita em forma de demonstração de amor e carinho..... | 32 |
| Figura 6- Encontro dos estagiários/residentes para discutirmos sobre algumas ações a serem realizadas no colégio..... | 33 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCNs- Diretrizes Curriculares Nacionais

EAD- Ensino à Distância

ERE - Ensino Remoto Emergencial

IES- Instituição de Ensino Superior

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OMS- Organização Mundial de Saúde

PEO- Plano Extraordinário de Oferta

PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PRP- Programa de Residência Pedagógica

TIDC- Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 14 |
| 2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE | 14 |
| 2.2 IDENTIDADE DOCENTE NA FORMAÇÃO INICIAL | 17 |
| 2.3 O CONTEXTO DA PANDEMIA: O COVID-19 E O ENSINO REMOTO | 18 |
| 3 METODOLOGIA | 20 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 21 |
| 4.1 O EU SUJEITO: MEMÓRIAS DE UMA LICENCIANDA ATÉ A CHAGADA NA UNIVERSIDADE. | 21 |
| 4.2 CAMINHADAS DA VIDA ACADÊMICA | 26 |
| 4.2.1 O Estágio Supervisionado I no ensino presencial..... | 27 |
| 4.2.2 O Estágio Supervisionado II no formato de ensino remoto..... | 33 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 39 |
| REFERÊNCIAS | 41 |

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado faz parte do currículo dos cursos de graduação e é fundamental para a formação do discente. Durante esse período, os conhecimentos adquiridos em sala de aula são aplicados ao contexto prático da futura profissão. Portanto, o estágio representa uma oportunidade para que o discente exercite os conteúdos teóricos aprendidos, adapte-se às diversas realidades da prática profissional e progrida na carreira.

De acordo com Pimenta e Lima (2004), o estágio na docência vai além de colocar em prática os conhecimentos aprendidos no decorrer dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, e configura-se em um campo de pesquisa, no qual o estagiário em formação inicial tem a oportunidade de refletir sobre processo de ensino-aprendizagem e em formas de intervenção na vida escolar.

Com base nas ideias de Pimenta e Lima (2004), a identidade do professor desenvolve-se ao longo de sua trajetória profissional em um processo contínuo. Nessa perspectiva, é fundamental trabalhar aspectos para construir identidades, conhecimentos e posturas específicas essenciais para o exercício profissional docente. A identidade docente é um processo dinâmico tanto de identificação quanto de diferenciação, não sendo estática nem definitiva. Ela surge das negociações simbólicas conduzidas pelos professores, que são influenciadas por diversos fatores, como trajetórias pessoais, o ambiente de trabalho e a história e cultura da profissão, além das representações difundidas por discursos que debatem os comportamentos e práticas dos docentes no ensino e na profissão.

Em março de 2020, o mundo foi afetado pelo SARS-CoV-2, pandemia de COVID-19, e enfrentou mudanças na rotina em todos os setores. No campo da educação não foi diferente: com a impossibilidade de realizar os encontros presenciais entre professores e alunos, na educação básica e no ensino superior, devido ao isolamento social, as aulas remotas surgiram como alternativa para reduzir os impactos negativos no campo de ensino-aprendizagem.

Assim como as aulas, o estágio curricular também foi uma atividade prejudicada, sobretudo no que tange aos cursos de Licenciatura, que promovem estágios de regência na Educação Básica. A partir do decreto de distanciamento

social como medida de proteção, a Universidade do Estado da Bahia, *Campus II*, adotou aulas remotas, encerrando o semestre 2019.2 em abril de 2020. Em novembro, surgiu o Plano Extraordinário de Oferta (PEO), por meio da resolução nº 2.082/20205, com 45 dias de aulas remotas iniciadas em novembro e finalizadas em dezembro de 2020.

Com as aulas remotas, foi necessário que as instituições de ensino fossem reinventadas para o cumprimento das demandas do governo, da sociedade e da escola, e, para isso, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) foram essenciais. Para Belloni (2002), a pedagogia e a tecnologia sempre andaram de mãos dadas, se entendidas como processos sociais. Para a autora, as ocorrências justificam-se a partir do momento em que se percebe que o desenvolvimento de socialização das novas gerações inclui absolutamente e logicamente a preparação dos jovens indivíduos para o uso dos meios técnicos disponíveis na sociedade, seja o arado, seja o computador.

A problemática é que, frequentemente, o contexto educacional não está preparado para lidar com os avanços tecnológicos existentes; os professores, por exemplo, tinham como desafio lidar com as mídias sociais e tornar as aulas mais acessíveis aos alunos. As escolas privadas proporcionam esse convívio, uma vez que, de modo geral, os estudantes dessas instituições já possuem acesso à internet e aos dispositivos de última geração para efetivar essa conexão.

No presente trabalho, busquei narrar e refletir sobre minhas vivências no Estágio Supervisionado I e II que marcaram minha trajetória e foram essenciais para a formação da minha identidade docente. Dessa forma, o objetivo geral do trabalho é relacionar as minhas experiências adquiridas no Estágio Supervisionado presencial e remoto para a formação docente por meio de uma autonarrativa. Para isso, foram elaborados os objetivos específicos (i) descrever e comentar o papel desenvolvido por mim no estágio; (ii) diferenciar o meu trabalho como estagiária em tempos de pandemia; (iii) analisar minhas experiências enquanto estagiária no ofício de professor. Meu trabalho é composto por uma introdução que antecipa levemente tópicos do referencial teórico, o qual discorre sobre a importância do estágio supervisionado para a formação e a identidade docente e o ensino remoto ao longo da pandemia. A narrativa autobiográfica foi a metodologia utilizada nesse

trabalho. Por fim, os resultados e discussão descrevem um recorte da minha trajetória até o período de estagiária enquanto licencianda no curso de Ciências Biológicas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

O Estágio Curricular Supervisionado é um espaço de articulação teórica e prática dos conhecimentos necessários à formação profissional em desenvolvimento, oportunizando ao discente a vivência do processo ensino-aprendizagem nos diferentes ambientes formativos.

O estágio é uma importante etapa de aperfeiçoamento na formação profissional. É um desafio para o discente por causa da inserção desse numa realidade concreta que, apesar de ainda remeter ao processo formativo na Universidade, procura – por meio de atividades de planejamento, execução e avaliação – estabelecer relações entre os conteúdos aprendidos e o efetivo exercício profissional.

O Estágio Supervisionado é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB), Lei nº 9394/96, nos cursos de formação de docentes e é relacionado aos componentes curriculares de eixo da formação pedagógica, cujo objetivo é preparar o licenciando para o exercício da docência em determinada área do Ensino Fundamental e/ou Médio (PIMENTA, 2001).

O Estágio é regido de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a formação de professores da Educação Básica em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, regulamentadas pelo Conselho Nacional de Educação em fevereiro de 2002 pelas Resoluções nº 1 e nº 2 do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, CNE, 2002). A Resolução nº 1 trata sobre Diretrizes para os cursos de formação de professores da Educação Básica em Nível Superior (Curso de Licenciatura, de graduação plena). A Resolução nº 2 (BRASIL, CNE, 2002), no Art.1º, especifica a carga horária dos cursos de formação de professores da Educação Básica, estabelecendo 3200horas, com

400 horas voltadas ao Estágio Curricular Supervisionado, distribuídas a partir da segunda metade do curso, o qual, com a pandemia, foi realizado remotamente.

Segundo Pimenta e Lima (2004), o Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura deve ser planejado com o propósito de unir os conhecimentos teóricos adquiridos durante a universidade aos conhecimentos práticos da experiência na escola, campo de atuação profissional de um licenciado, para complementar, desse modo, a formação acadêmica do estudante. Esse componente curricular obrigatório deverá ser realizado em instituições privadas ou públicas, tendo em vista as atividades de caráter social, profissional e cultural para que situações reais de vida e de trabalho sejam proporcionadas.

Scalabrin e Molinari, definem o estágio como:

Um processo de experiência prática, que faz uma aproximação do acadêmico da realidade de sua área de formação e o ajuda a compreender diversas teorias que conduzem ao exercício da sua profissão. É um recurso curricular essencial para o desenvolvimento dos alunos de graduação, sendo também, um lugar de aproximação verdadeira entre a universidade e a sociedade, permitindo uma integração à realidade social e assim também no método de desenvolvimento do meio como um todo, além de ter a possibilidade de aparecer na prática toda a teoria obtida nos bancos escolares (2013, p.4).

Segundo (FÁVERO, 1992), os estágios são cruciais porque visam transformar a aprendizagem em um processo pedagógico que desenvolve conhecimentos avançados, competências e habilidades. Isso ocorre pela observação direta de professores em ação, estabelecendo uma conexão direta entre teoria e prática cotidiana. Integrar teoria e prática é um desafio significativo para os estudantes de cursos de licenciatura. Se esse obstáculo não for adequadamente enfrentado ou, ao menos, mitigado durante a formação acadêmica, poderá afetar negativamente o desempenho futuro do estudante como professor. A formação profissional não se limita à participação nos cursos de graduação, ela é essencialmente construída ao se envolver profundamente na prática como construtor de uma práxis educativa.

Dessa forma, segundo Pimenta e Lima:

O estágio, então, deixa de ser considerado apenas um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores. Poderá permear todas as suas disciplinas, além de seu espaço específico de análise e síntese ao final do curso. Cabe-lhe desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições (2004, p. 54)

Pimenta e Lima (2004) alegam ainda que o Estágio, quando exercido, permite o desenvolvimento de habilidades de pesquisa; o desafio dos cursos de licenciatura se caracteriza pela necessidade de desenvolvimento das competências de pesquisa, essenciais para a construção dos saberes docentes.

Barreiro e Gerbran (2006) supõem que, no estágio, os saberes pedagógicos não devem ocorrer de forma separada, mas pela comunicação entre várias áreas do conhecimento. Eles também demonstram que o estágio precisa conceder aos estudantes não apenas o básico, que é estar em sala de aula, mas também a vivência da dinâmica escolar. No decorrer do estágio, o estudante deve tanto ficar na sala de aula quanto conhecer o funcionamento da escola e das atividades pedagógicas, elaborar projetos para abordar as necessidades da instituição e envolver-se em eventos escolares, como a feira de ciências.

As experiências ganhadas no período do estágio supervisionado são de extrema importância para a formação integral do futuro professor, visto que, na sociedade atual, a alta concorrência no mercado de trabalho é nítida. Desse modo, cada vez mais, são requisitados profissionais com preparação e habilidades específicas da área de atuação.

Caso o aluno não possa vivenciar a prática docente, será desafiador relacionar a teoria adquirida na universidade com a prática do ambiente de trabalho. O estágio, além de ser uma exigência acadêmica, é uma oportunidade de evolução profissional e pessoal, tornando-se um instrumento de grande importância para a integração entre a universidade, a escola e a comunidade (SANTOS FILHO, 2009).

Finalmente, é evidente que se formar “é tornar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas, profissionais, religiosas e de compromisso com a transformação da

sociedade em que se vive” (LIBÂNEO, 2001, p13). No decurso do estágio, o licenciando irá encontrar os problemas e saberes das escolas e poderá, a partir de estratégias de ensino, contestar e superar as dificuldades com mais confiança, garantindo uma educação de qualidade e a formação de profissionais qualificados e focados em metodologias essenciais e motivacionais para o comprometimento dos discentes com a escola e o conhecimento.

2.2 IDENTIDADE DOCENTE NA FORMAÇÃO INICIAL

A formação inicial do docente demonstra um papel cada vez mais significativo no processo educativo, que solicita dele competência, dedicação e motivação. Como Tardif (2002) discute, é por meio das relações com os pares e, portanto, do confronto entre saberes, proporcionado pela experiência coletiva dos professores, que os conhecimentos experienciais adquirem certa objetividade. No entanto, para que não sejam momentos isolados, mas oportunidades para o desenvolvimento de estratégias capazes de melhorar o ensino e a vida profissional do professor, a formação continuada deve ser centrada na escola para o avanço dos integrantes dela. De acordo com Almeida (2007), a escola é o lugar onde os professores aprendem, porque os saberes e as experiências são trocados, validados, apropriados e rejeitados.

Segundo Pimenta e Lima (2004), a identidade do professor é construída sucessivamente ao longo de sua trajetória como profissional. O graduando, passando pelo estágio, será capaz de viver a teoria aliada à prática para iniciar sua formação como professor. Dessa maneira, trabalhar aspectos é essencial à construção das identidades, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente.

A formação pode incentivar o desenvolvimento profissional dos professores no quadro de uma autonomia contextualizada de tal profissão. É imprescindível valorizar paradigmas de formação que possibilitem a preparação de professores reflexivos, comprometidos com seu desenvolvimento profissional e protagonistas na implementação das políticas educativas (NÓVOA, 1992).

Como afirma Silva (2001), o currículo constrói identidades e agarra-se a visões de mundo sujeitas à investigação. É o ambiente que domina os processos de significação que, nesse sentido, podem ser concebidos como demonstrações de poder, haja vista que as estratégias desenvolvidas pelos professores são norteadas pelo currículo.

De acordo com Dassoler e Lima (2012), a formação do professor é essencial para prática educativa, tornando necessária a reflexão de que tal profissional trabalha em uma busca incessante pelo conhecimento a partir dos métodos auxiliares a suas práticas pedagógica e social, que estabelecem a sua profissionalização cotidiana no ambiente escolar.

Neste sentido, a educação é um processo de humanização e, como afirma Pimenta (2001), é um meio pelo qual os seres humanos são incluídos na sociedade. Dessa forma, Marcelo define “o desenvolvimento profissional como um processo que se vai construindo à medida que os docentes ganham experiência, sabedoria, consciência profissional” (2009, p.9). Nesse sentido, o autor relaciona a identidade profissional com o desenvolvimento profissional e os processos de mudanças e melhorias da profissão docente.

O professor, quando consegue a sua habilitação profissional, está longe de ser visto como um profissional acabado e amadurecido, uma vez que os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação inicial não são suficientes para o exercício das suas funções ao longo da carreira. Reconhece-se, assim, a necessidade de crescimento e de aquisições diversas, assumindo ele próprio o comando do seu desenvolvimento (PONTE, 1994).

Desse modo, o desenvolvimento profissional dos professores refere-se às diversas experiências de aprendizagem realizadas por um método no qual os docentes reveem e valorizam o seu papel como agentes de transformação e construtores críticos do conhecimento e das competências ao longo da sua vida (DAY, 2001).

2.3 O CONTEXTO DA PANDEMIA: O COVID-19 E O ENSINO REMOTO

O fechamento das instituições brasileiras em meados de março devido à pandemia de Covid-19 obrigou as secretarias estaduais e municipais de Educação a desenvolverem e implementarem soluções para o ensino remoto.

O ensino remoto, como uma modalidade de ensino propriamente dita, consiste em migrar as aulas do formato presencial para uma transmissão online. Nesse momento, ele foi visto mais como uma solução paliativa do que algo estruturado e definitivo. Com o surgimento da pandemia do novo coronavírus em março de 2020, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi implementado de forma repentina e essencial na rede básica de ensino. Isso permitiu que os estudantes mantivessem o vínculo com a escola durante o período de isolamento social, necessário para conter a disseminação da covid-19. Nesse contexto, os professores foram adaptados às novas possibilidades de ensino-aprendizagem a partir das TDICs.

O ERE é uma estratégia didática adotada temporariamente pelo Conselho Nacional de Educação para realizar aulas online por meio de plataformas virtuais. O ensino ocorre em duas etapas: síncrona, com classes em que o professor e o educando participam simultaneamente ou com aulas gravadas, e assíncrona, na qual o estudante realiza atividades fora da sala.

Durante a pandemia, o ensino remoto adotado não pôde ser equiparado à educação à distância por causa de alguns aspectos específicos; a educação à distância demanda obrigatoriamente uma combinação de conteúdos que também incluem elementos presenciais, sejam eles teóricos, sejam eles estágios.

Segundo Rondini (2020):

O ensino remoto emergencial difere da modalidade de Educação a Distância (EAD), pois a EAD conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, por meio de diferentes mídias em plataformas on-line. Em contrapartida, para esses autores, o intuito do ensino remoto não é estruturar um ecossistema educacional robusto, mas ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente (p.3).

Haja vista que, no período da pandemia, o ensino foi totalmente remoto, disciplinas presenciais tiveram sua aplicação de forma remota. No Brasil, por exemplo, não existe o bacharelado de Direito no formato EAD, mas, mesmo assim,

aulas nesses cursos aconteceram remotamente. Durante o ensino remoto, mais dificuldades são apontadas pelos docentes do que pelos discentes.

Como afirma Valente (2020 p.7), “a grande maioria dos alunos é jovem e domina com facilidade o uso de tecnologias digitais enquanto, para muitos docentes, tem sido um exercício árduo, que causa muita ansiedade nessa fase de adaptação”.

Logo, diante o fechamento das escolas, o ensino remoto apresentou-se como a única alternativa viável para garantir a continuidade do calendário escolar.

3.METODOLOGIA

Esse trabalho traz uma abordagem qualitativa. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, na qual os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais e tentam entender os fenômenos e significados que são conferidos a eles.

Ao questionar os aspectos da pesquisa qualitativa, Creswel (2007, p. 186) afirma que, no método em questão, o ambiente natural é a fonte direta de dados enquanto o pesquisador é o principal instrumento, além de que os dados coletados são predominantemente descritivos. Ademais, o autor enfatiza que a preocupação com o desenvolvimento é maior do que com o produto, isto é, que o interesse do pesquisador ao estudar uma determinada situação é verificar “como” ela se comporta nas atividades, nos costumes e nas interações cotidianas.

O método qual eu recorro é o de narrativas autobiográficas, onde eu revisito eventos pessoais que fazem parte da minha memória autobiográfica, que me permitiu refletir sobre minha vida, me proporcionando uma visão ampla e significativa das experiências que moldaram na minha jornada acadêmica para minha formação docente. Neste sentido, selecionei momentos significativos dos Estágios Supervisionados. Momentos que considero importantes para a construção da minha identidade docente. Para o Estágio Supervisionado I, que ocorreu de forma presencial, busquei momentos em minhas memórias; para o Estágio

Supervisionado II, que ocorreu no formato remoto, fiz a revisão do portfólio escrito em 2021.

Para Araujo (2013), as narrativas são produzidas com a finalidade específica de contar um fato vivenciado ou criado pelo autor. Nessa perspectiva, essa prática está presente na vida de todos os seres humanos, seja em exercícios diários de relatos de experiências, seja em bate papos informais, o que caracteriza a narrativa como uma constante reconstrução do ser humano por ele mesmo. Uma das formas mais frequentes dos sujeitos contarem e atribuírem significado às suas histórias são por meio da autonarrativa.

A autonarrativa permite o pesquisador criar instrumentos dinâmicos que possam ser experimentados. Segundo Pellandra e Pinto (2015), as autonarrativas são como perturbações constantes, pois todos a realizam com periodicidade para exercitar o autoconhecimento; pesquisadores, geralmente, as utilizam para dar mais visibilidade aquilo que está sendo produzido. Portanto, contar a sua própria história, um exercício de autoconsciência e reflexão, é algo enriquecedor na prática da pesquisa.

O trabalho da autobiografia é composto por narrativas nas quais os indivíduos recordam sobre fatos que se sucederam e ordenam a experiência para tornar uma trajetória de vida conhecida. Tal desenvolvimento de construção tem como objetivo, na narrativa, um aprendizado baseado na trajetória de si.

Bueno (1996, p.5) enfatiza o método autobiográfico como tendo “[...] seu valor heurístico e a questão da subjetividade como pressuposto básico da abordagem” [...]. Como uma forma para a investigação e descoberta, a narrativa autobiográfica apresenta uma caracterização do objeto de pesquisa, através de sua percepção e construção do conhecimento.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O EU SUJEITO: MEMÓRIAS DE UMA LICENCIANDA ATÉ A CHEGADA NA UNIVERSIDADE.

Meu nome é Caroline Andrade de Pinho Alves Pinto, tenho 28 anos, nascida na capital da Bahia, em Salvador, e criada no município de Alagoinhas, uma cidade tranquila e sossegada para morar. No bairro onde eu morei, a maioria dos meus vizinhos eram meus parentes por parte de pai. Recordo-me dos meus amigos e das brincadeiras feitas na porta da minha casa.

Eu tive uma infância adorável. Como meus pais tinham que trabalhar, eu e meu irmão mais novo ficávamos com minha avó paterna, ela já era uma idosa e gostava de cuidar do quintal da nossa casa. Sempre fui uma criança simples, não tinha muitos brinquedos e, às vezes, improvisava. Eu tinha uma bicicleta vermelha que meu avô materno me presenteou no meu aniversário de 5 anos; foi o melhor presente que eu ganhei na minha infância, brinquei com ela até os meus 12 anos.

Recordo-me que eu queria ganhar um liquidificador de brinquedo que funcionava com bateria, estava na moda, na época, e sempre passava a propaganda do brinquedo na televisão. Meus pais não tinham muitas condições, mas minha mãe esforçou-se e presenteou-me, fiquei muito feliz; eu pegava todas as frutas que tínhamos no nosso quintal para fazer suco e brincava de cozinhar com meu irmão.

Desde pequena, sempre quando alguém me perguntava o que eu queria ser quando eu crescesse, eu dizia que queria ser médica que cuidava de crianças. Com o tempo, eu crescia e descobria que não era o que eu desejava.

Recordo-me da minha primeira escola chamada Colégio Elshaday e da minha professora Nice. Ela era adorável, e tinha uma auxiliar na minha sala chamada Helena, que cuidava de mim como se fosse a sua filha. Lembro-me dos meus aniversários que minha mãe fazia questão de comemorar na escola para que todos os meus colegas participassem, assim como demonstra na figura 1. Passei 3 anos nesse colégio e precisei ir para outro, pois nele não tinha alfabetização.

Figura 1- Lembrança do meu aniversário na minha primeira escola



Fonte: Acervo pessoal.

Quando eu fui para o colégio novo, o Colégio Santo Antônio, entrei na turma de alfabetização. Sempre fui aquela menina que chegava em casa com a agenda de anotações escrito “menina muito inteligente” ou “menina nota dez”. Eu tinha uma professora que se chamava Lourdes. Quando cheguei no colégio, percebi que os alunos mais velhos tinham medo dela, mas não entendia o motivo... descobri depois que, quando os estudantes aprontavam na sala de aula, ela dava canetada no braço para corrigi-los. Eu nunca levei canetada, mas fiquei várias vezes na cadeira do pensamento ao lado da mesa dela. Além de ser professora, ela também era a diretora e dona do colégio. Os pais não reclamavam das canetadas, eles gostavam, pois achavam que os filhos iriam aprender melhor com essa forma de aprendizado. Fui alfabetizada nesse colégio, onde realizei o sonho de minha mãe de fazer minha formatura, ela organizou com muito carinho e chamou meu tio Jair para ser meu padrinho; foi um dia mágico encantador (Figura 2).

Figura 2- Minha formatura da alfabetização.



Fonte: Acervo pessoal.

Quando eu entrei nos anos iniciais do fundamental, minha mãe conseguiu uma vaga no Colégio Municipal Irene Andrade de Assis. Lá, eu vivi experiências novas: no antigo colégio eu só tinha uma professora e no colégio novo era uma professora para cada disciplina. Eu me sentia já uma adolescente por estar vivendo isso na escola. O colégio era magnífico, lembro da minha coordenadora e diretora que se chamavam Renata e Arlene, pessoas sensacionais que faziam de tudo para o colégio ser de referência.

Tive vários professores de excelência que plantaram sementes no meu coração. Porém, teve uma que me motivava e inspirava tanto que, sempre que eu olhava para ela, eu dizia: quando eu crescer quero ser assim. Ela era professora de ciências e chamava-se Adriana Rosário. Eu amava as aulas de ciências, eu aprendia com facilidade e o método como ela passava os assuntos tornava-os mais leves. Quando eu conclui os anos iniciais do fundamental, eu tinha duas opções de

escola para me matricular: o Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães e o Centro Territorial de Educação Profissional do Litoral Norte e Agreste Baiano (CETEP/LNAB). Recordo-me que, apesar de minha mãe passar dois dias na fila para me matricular em um desses citados, só consegui vaga no CETEP e matriculou-me no curso de Análises Clínicas, porque o colégio, além de ofertar o ensino médio, o aluno já saía com um curso profissionalizante. De início, eu não gostei muito, pois não queria essa área, eu gostaria que fosse o curso de Meio Ambiente, mas ao decorrer do curso eu fui me identificando.

Tive o prazer de conhecer uma professora de Biologia chamada Zuleide Santana. Eu contava os dias para chegar a aula dela, porque ela tinha uma didática maravilhosa, brincava ensinando biologia. Participar das suas maravilhosas aulas despertou o meu desejo para biologia. No ensino médio, eu tive muitas dúvidas em qual profissão eu iria seguir, tinham horas em que eu queria ser farmacêutica, pois era o sonho de meu pai, e, em outras horas, eu queria ser biomédica e nutricionista, mas a minha paixão pela biologia me fez optar por ela e, por meio das aulas da professora Zuleide, eu decidi que queria ser Bióloga.

Terminei o Ensino Médio e, como estava estudando para o ENEM, realizei a prova e consegui uma boa nota. Na cidade onde eu moro, as faculdades não tinham Biologia em Bacharel, então, decidi me inscrever em duas faculdades na cidade de Salvador – a Unijorge e a Universidade Católica – e consegui bolsa de estudos nas duas faculdades. Era tudo o que eu sonhava: iria cursar biologia. Mas, como nem tudo é como planejamos, minha mãe e meu pai não tinham condições de arcar com todas as despesas para eu morar em outra cidade, e eu percebi que meu sonho estava sendo destruído. Fiz de tudo, até perguntei para minha tia se eu poderia morar com ela, mas minha mãe não concordou. Lembro como se fosse hoje, em uma noite, eu entrei em meu quarto e chorei muito, pois estudei bastante, consegui as bolsas e não poderia me matricular

Tentei na minha cidade em outros cursos e consegui entrar biomedicina na Faculdade Santo Antônio, mas não era o que eu queria... fiquei totalmente frustrada. Lembro-me de que um amigo meu, chamado Gabriel, me ligou e me contou que teria o vestibular de uma Universidade do Estado aqui da minha cidade. Eu imediatamente entrei no portal da faculdade, pesquisei alguns cursos e descobri que tinha Ciências Biológicas, mas, como não era bacharelado e sim Licenciatura, eu

pensei por vários dias antes de fazer a minha inscrição. Em um dia, eu lembrei como eram minhas professoras de Ciências e Biologia e, então, decidir fazer minha inscrição.

Eu estava tão desacreditada e desmotivada que não tinha ânimo para estudar, mas, mesmo assim, eu fui fazer a prova. No dia do resultado do vestibular, fiquei muito ansiosa, esperei até o horário e, quando eu abri o portal, vi meu nome escrito. Eu nem acreditei! Liguei para a família toda para contar a grande novidade, eles ficaram felizes e me deram maior apoio para essa nova jornada.

4.2 CAMINHADAS NA VIDA ACADÊMICA

Finalmente, consegui a aprovação tão esperada! No segundo semestre de 2016, comecei minha jornada na faculdade no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Lembro-me vividamente do primeiro dia de aula, quando os professores deram uma palestra de boas-vindas aos calouros, explicaram as diferentes áreas da biologia em que trabalhavam, discutiram as perspectivas do mercado de trabalho na área e apresentaram oportunidades, como bolsas de iniciação científica e o programa PIBID. Fiquei muito entusiasmada, mas, desde o início, sabia que não queria seguir a carreira docente; meu interesse era voltado para a pesquisa.

Meu primeiro semestre foi um verdadeiro choque. Descobri que alguns dos conteúdos que havia estudado no ensino médio eram apenas superficiais, enquanto outros eram completamente novos e não tinham sido mencionados antes. Isso gerou um sentimento de desespero e preocupação intenso. Naquela circunstância, percebi a importância crucial da educação básica: é fundamental que os alunos da escola pública dominem os conceitos básicos durante o ensino médio para que não enfrentem dificuldades ao ingressar na universidade.

A disciplina de Biologia celular e Molecular me deixou desesperada e me fez perder noites sem dormir por causa dos conteúdos difíceis que, às vezes, eu não conseguia acompanhar, mas não poderia desistir por causa do primeiro obstáculo. Participei de grupos de estudos com meus colegas para que pudessemos entender melhor os assuntos.

Além dos componentes que me deixavam assustada, tinham outros que me faziam acreditar que eu deveria seguir em frente, como Prática Pedagógica I, que

me encantou, pois discutíamos e analisávamos os diferentes espaços e contextos de aprendizagem, trazendo as teorias de estudiosos como Piaget, Vygotsky e Paulo Freire, acepções sobre o ensino e aprendizagem.

No meu segundo semestre, me senti mais leve e confortável para dar as minhas contribuições em alguns componentes como Biologia Vegetal I e Sistemática Filogenética. Em Prática Pedagógica II, eu conseguia me expressar sobre as minhas vivências e, a partir das aulas, eu tive a certeza que queria ser professora.

No segundo semestre de 2017, eu me inscrevi na seleção do PIBID, mas eu só consegui uma vaga como voluntária. Naquele momento, eu pensei em desistir, porque necessitava da bolsa, mas decidi tentar para ganhar experiência. Os semestres fluíram e o tão esperado Estágio Supervisionado chegaram.

4.2.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO I NO ENSINO PRESENCIAL

Foram muitas dificuldades que surgiram ao longo da caminhada, porém, no segundo ano da Universidade, abracei a primeira oportunidade para lidar com a realidade de ser um professor: o Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Segundo Baccon, et al, a partir do PIBID, o licenciando tem a oportunidade de estar inserido no contexto escolar desde o início da sua formação. Durante minha estadia no PIBID, eu tive muitas experiências, mas foi somente no Programa de Residência Pedagógica (PRP) que vivenciei intensamente os desafios e alegrias de ser professor. Ao passar um ano inteiro com a mesma turma, participando, conhecendo e interagindo com os processos dentro da comunidade escolar e aprendendo sobre a realidade dos meus alunos, compreendi que ser professor é muito mais do que uma profissão, é um estilo de vida.

Panizzolo (2012) ressalta que:

[...] Ao articular o processo formativo inicial do pedagogo com as práticas educativas dos educadores das escolas públicas e a preceptoria dos professores da universidade o PRP tem potencializado o diálogo entre as referências teóricas historicamente acumuladas na área da educação e as práticas vivenciadas nas escolas públicas, tecendo assim a articulação entre a formação universitária e a formação continuada (p. 5).

Eu acredito que a trajetória de validação do estágio no Residência Pedagógica iniciou com a preparação durante as aulas de Estágio Supervisionado 1 com a professora Cláudia Regina, que assumiu o papel de coordenadora do PRP no Campus II e combinou a didática e o suporte necessário para nossa participação no Programa. Oliveira e Cunha (2006) argumentam que o estágio pode ser definido como qualquer atividade que permita o aluno adquirir experiência profissional, habilitando-o para a carreira docente. Esse estágio é fundamental nos cursos de Licenciatura, uma vez que prepara os estudantes para o desempenho como profissionais no futuro.

As orientações e os acompanhamentos permitiram a preparação para a realidade dentro da sala de aula, a produção de planos dinâmicos aliados aos recursos disponíveis e a preparação para possíveis desafios que seriam encarados nessa jornada, em um contexto de busca por um trabalho de qualidade receptivo para os discentes e enquadrado à realidade escolar em questão.

O Estágio Supervisionado I foi desenvolvido dentro do Programa Residência Pedagógica (PRP), no qual as horas de regência em sala foram aproveitadas para suprir as demandas do componente curricular. No ano de 2019, fui aprovada na seleção do PRP para atuar no Colégio Municipal de Alagoinhas (CMA) situada no centro de Alagoinhas, Bahia, na Praça Professor Mario Laert. No primeiro momento, fomos apresentados à preceptora do programa, Daniella Moitinho, em uma reunião na UNEB com os residentes, os preceptores e a coordenadora do programa. Depois, conhecemos a direção da escola para que recebêssemos orientações a respeito do funcionamento da instituição.

Em seguida, fomos apresentados à coordenação pedagógica e ao quadro de professores do colégio. Entre eles, estavam os professores da área de Ciências, com os quais tivemos mais contato durante a nossa permanência. Uma professora demonstrou sua insatisfação e foi informada que não aceitava estagiários em suas aulas, aceitamos a decisão dela. Durante uma conversa com a preceptora, ela nos informou como alguns professores não aceitam estagiários, pois eles ainda trabalham de forma tradicional, na qual somente os professores são os possesores do conhecimento.

Logo após o contato com os professores, fomos conhecer a estrutura do colégio e os demais funcionários participantes da comunidade escolar.

Em seguida, foi realizada uma reunião para decidirmos quais turmas seriam encaixadas nos horários de cada residente, para, assim, podermos começar a observação em sala de aula. Optei por uma turma do 6º ano do ensino fundamental II, cujas as aulas eram às terças-feiras à tarde nos dois primeiros horários.

Após uma semana, voltei ao colégio para começar as minhas observações das aulas. Eu consegui observar apenas 4 classes, porque a professora estava enfrentando problemas referentes aos horários das aulas; ela também era docente do estado em outro colégio e os horários coincidiram. Fiquei duas semanas sem observação e conversei com minha preceptora e professora de estágio, mas, infelizmente, não havia outra turma para eu atuar.

Como eu também fazia parte do PRP, tomei a iniciativa de solicitar o início da minha regência para atuar como professora. A professora de estágio conhecia a minha trajetória, logo, permitiu que eu iniciasse a regência enquanto me apoiou no que eu precisei. Nas minhas primeiras observações, era notória a precariedade: a mesa do professor estava quebrada; as carteiras dos alunos eram insuficientes e eles buscavam outras ou dividiam a mesa do professor; e a ventilação era inadequada.

Na minha primeira aula, quando informei que eu iria assumir a partir daquele dia, os estudantes ficaram felizes, pois estavam ansiosos para dar continuidade ao estudo das ciências. Realizei uma brincadeira chamada “Tudo sobre mim”, na qual eu arrumei a sala em círculo e pedi para eles responderem algumas perguntas como “Meu nome é?”, “Qual a minha idade?”, “O que eu mais gosto de fazer?”, “E o que eu menos gosto de fazer?” e “Qual profissão desejo exercer?”. Depois, pedi para cada um ler o que estava escrito. A brincadeira foi o passo inicial para conhecê-los melhor. Os estudantes ficaram um pouco tímidos, mas embarcaram nas brincadeiras com os amigos; o meu primeiro contato como docente foi espetacular. Em seguida, consegui o livro do professor para saber quais os assuntos iria administrar e para preparar meus planos de aula. Nas minhas aulas, eu tentava ser bastante criativa para captar a atenção dos alunos e fazer com que eles aprendessem os assuntos de forma leve.

A articulação das atividades é o subsídio determinante das metodologias, sendo que o primeiro aspecto caracterizante de uma metodologia é o tipo de classificação proposta em atividades (ZABALA, 1998). O autor defende ainda a

inexistência de um modelo único de sequência didática, pois cada modelo tem aspectos positivos para serem adaptados às demandas educacionais dos alunos.

Em uma das minhas aulas cuja temática era o Reino Plantae, achei uma forma mais didática dos alunos interagirem com o assunto: apresentei a eles as briófitas, sugeri a observação com uma lupa, e solicitei que eles desenhassem o que foi visualizado. Em seguida, expliquei as estruturas apresentadas e eles ficaram encantados com essa didática inovadora.

Como eu sempre gostei de fazer experimentos e mudar a dinâmica das atividades em sala, quando abordei o tópico sobre água, resolvi fazer um filtro com garrafa PET. Ao iniciar a abordagem do conteúdo, solicitei que os estudantes trouxessem garrafas PET para a próxima aula, pois iríamos realizar um experimento. Para a realização do filtro, necessitava de alguns materiais – tesoura, garrafa PET, algodão, carvão, areia fina, pedregulho e água com terra – que levei para aula. Mostrei para os alunos o passo a passo e pedi que fizessem o mesmo para observarmos a filtragem da água; todos ficaram incrédulos, porque nunca imaginaram que poderiam fazer um filtro com materiais simples e recicláveis (Figura 3). Após a minha aula, alguns amaram tanto o experimento que mostraram para os colegas de outras turmas e explicaram como ele foi realizado.

Figura 3- Confeção do filtro de água com garrafa pet.

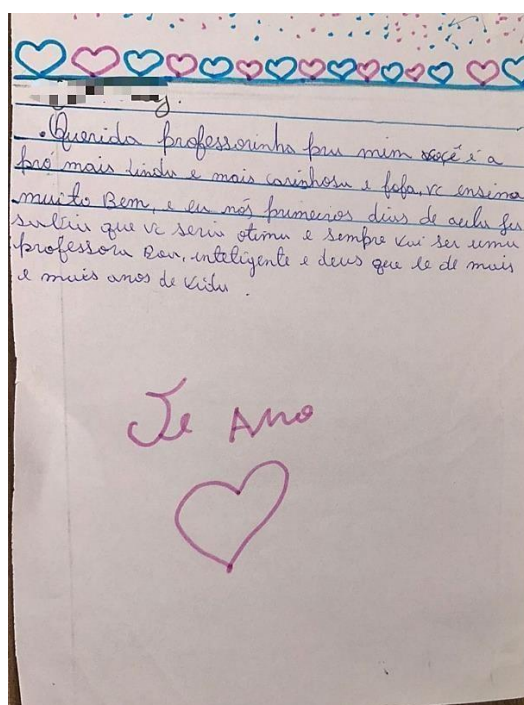


Fonte: Acervo pessoal.

Sempre quando exerci a docência com meus alunos, levei em consideração como eu me sentia como aluna. Durante as aulas, nunca me coloquei como

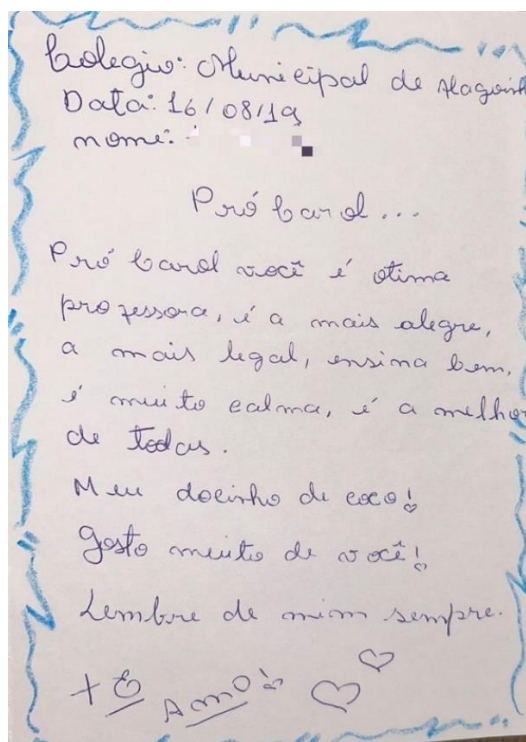
professora tradicionalista e procurei instigar os meus estudantes, já que não os via como copiadoras ou memorizadores. Talvez, por esse motivo, estreitamos os laços e juntos construímos uma relação de respeito e amizade. Em muitas das aulas, eu busquei explicar os assuntos a partir de jogos didáticos, saindo da posição de centro para ser mediadora das ações deles. É visível o resultado por meio das cartas que eu recebi durante e ao final da minha regência sobre como eu fui uma docente amável que buscava a melhor forma de licenciar; eu não queria passar na vida dos meus alunos como uma professora chata ou ruim, como expressa na figura 4 e 5. Eu me senti especial recebendo inúmeras cartas durante meu estágio I e, sempre, almejei a melhor forma de ensinar e deixar rastros de amor e carinho no meu caminho.

Figura 4- Carta de aluna escrita no final da minha regência.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5- Carta escrita em forma de demonstração de amor e carinho.



Fonte: Acervo pessoal.

O resultado dessa experiência foi a verificação na prática da realidade escolar com todas as suas características. Percebi que, a cada momento do meu estágio supervisionado I, juntamente com PRP, foi muito gratificante participar, já que eu tive a oportunidade de colocar em prática o que eu aprendi na Universidade, fiz várias amizades e tive os melhores alunos que ficaram marcados na minha memória e no meu coração (figura 6).

Figura 6- Encontro dos estagiários/residentes para discutir ações a serem realizadas no colégio.



Fonte: Acervo pessoal.

4.2.2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO II NO ENSINO REMOTO

O formato do ensino remoto trouxe a lembrança do que foi feito anterior à pandemia. No ano de 2019, quando fui residente pedagógica e estagiária, a experiência presencial foi bastante proveitosa; a troca de conhecimentos e o convívio com os discentes fizeram com que eu crescesse como pessoa e profissional. Reconhecer nos rostos dos discentes o entendimento ou a dúvida só se aprende quando se vê o rosto e interpreta, de maneira básica, os sinais corporais. O ensino presencial caracteriza-se pela presença do professor e do aluno na escola é a modalidade de ensino desde a Educação Básica ao Ensino Superior adotada há muito tempo no país. Ele consiste na aplicação de conteúdo e de atividades em um local de troca de conhecimento e foi caracterizado ainda mais como presencial após o surgimento das tecnologias, estabelecendo, assim, diferenças entre o Ensino a Distância (MENEZES, 2001).

Confesso: aliar a tecnologia à educação exige muita preparação, principalmente dos docentes, pois muitos não sabem como lidar com ela e a falta de

preparação da instituição educacional impacta no processo de aprendizagem. Seabra (2013) relata que os aparelhos eletrônicos em sala de aula sempre foram um problema, uma vez que causavam a dispersão dos discentes, mas, naquele período, de distanciamento social, passaram de vilões para protagonistas que permitiram a interação entre professores e estudantes em uma sala virtual de aprendizagem.

Para mim, foi algo novo, porque eu nunca tinha vivido a experiência de ter aulas remotas, mas as professoras do estágio foram espetaculares – nas aulas elas tentavam nos mostrar o melhor caminho e inúmeras possibilidades naquele mundo novo. Mesmo estando no 8º semestre, existiam muitas dúvidas sobre alguns conteúdos, os planos de aula, o comportamento nas aulas e a relação entre o professor e o aluno. Dessa forma, as aulas de estágio foram essenciais para compreender esses fatores.

Obtive muitas dificuldades em encontrar uma turma para eu poder atuar. Por causa das aulas remotas, houveram mudanças no ensino e diminuíram algumas turmas, além da existência dos programas de PRP e PIBID em alguns colégios, que, infelizmente, pegaram algumas turmas e, como não sobraram salas para os estagiários, possivelmente eu teria que desistir de cursar o estágio supervisionado II.

Em uma das aulas, as professoras Cláudia e Solange orientaram sobre o estágio que iria começar e pediram que eu contatasse a minha supervisora no colégio para que se decidisse em qual turma eu iria realizar a regência. Entrei em contato com a professora supervisora que trabalhava no Colégio Estadual Dr. Magalhães Neto, ela me deu algumas opções e eu optei pelo 1º ano C, pois essa turma não chocava com nenhuma disciplina da faculdade. Essa turma era do turno matutino nos dias de terça-feira e quarta-feira e possuía 39 discentes matriculados, mas apenas 20 assistiam as aulas.

Ao iniciar minha observação, percebi que a aula era bem dinâmica e explicativa. Ao final, a professora passou uma atividade e observei que os discentes eram poucos participativos por causa do modelo remoto. Percebi que, no início da aula, tinham pouquíssimos alunos, mas a sala virtual começou a encher no final, quando a professora fazia a chamada de frequência e solicitava que os alunos abrissem a câmera; era esperado que o interesse dos discentes fosse reduzido nas aulas remotas. Na minha coparticipação, quando a professora pediu auxílio na correção do exercício passado na aula anterior, expliquei cada questão com

participação de três estudantes e percebi que eles buscavam interesse em saber dos assuntos propostos na atividade.

Dar uma aula sem estar familiarizado com certas ferramentas virtuais e preparar uma aula satisfatória são desafios. Fez-se necessário que o professor e nós, estagiários, nos reinventássemos e descobríssemos novas maneiras para elaborar uma aula que não fosse maçante e desenvolvesse o conteúdo. A utilização das tecnologias digitais em sala abre diversas possibilidades de explorar o conteúdo, dinamizando aula (BACICH, NETO e TREVISANI, 2015). É necessário que se modifique, se reinvente, se autoavaleie e se prepare para explicar o conteúdo de forma eficaz, além de fazer com que os estudantes foquem e aprendam o essencial para que se possa definir e caracterizar o conteúdo.

No meu primeiro dia de regência, me preparei 4 dias antes da aula remota; fiquei muito ansiosa e nervosa, mas estava confiante que tudo daria certo. Como o tema da aula foi nutriente e sais minerais, eu questionei aos alunos sobre a alimentação saudável e poucos discentes presentes responderam, mas percebi que estavam com vergonha ou medo de responder errado. Outro ponto foi observado foi a ausência do contato presencial com os estudantes. Isso me afetou muito, porque, presencialmente, era possível observar se os alunos entendiam o conteúdo e, por meio das plataformas digitais, não se tem como saber se eles estão atentos, acordados ou presentes; muitas vezes, quando perguntados, apenas um ou outro que respondia e isso foi desmotivador, como se estivéssemos dando aula para ninguém. No final, apresentei uma atividade para ser entregue no dia seguinte, a professora regente pediu para fazer a chamada de frequência e, assim, a aula foi finalizada com sucesso.

Foi iniciada mais uma aula eu explicitando qual assunto abordaria naquele dia e, em seguida, iniciei o conteúdo sobre lipídios e proteínas numa aula bem dinâmica pois fiz slides com várias imagens para que ficasse melhor de entender e chamar mais atenção e, graças a Deus, alguns estudantes participaram e, com entusiasmo, fui obtendo alguns resultados. Após a explicação do conteúdo, eu passei uma cruzadinha online, onde eu passei o link no grupo da turma e pedir para eles responderem. Modifiquei a atividade pois eles já haviam informado que estavam cansados de responder as atividades de perguntas e respostas, sempre buscava da melhor forma de chamar atenção então tentava realizar atividades mais lúdicas. No

dia seguinte, corrigi a cruzadinha e obtive participação dos alunos, eles informaram que gostaram muito da atividade realizada, alguns alunos ficaram com algumas dúvidas e me pediram ajuda para responder. Mesmo trazendo mudanças na apresentação do conteúdo e na modificação de algumas atividades era notório a falta significativa de alguns alunos, as vezes estavam conectados a sala virtual, mas não participavam das aulas. Chegou o dia em que as professoras Cláudia Regina e Solange observaram a minha regência, iniciei a aula finalizando o conteúdo sobre núcleo e seus componentes e realizei uma correção de uma atividade passada para casa na semana anterior; os meninos participaram tanto que fui surpreendida, pois nunca interagiram da forma que fizeram naquela aula, aumentou até o número e alunos que participaram da correção, eu sabia que o caminho poderia ser difícil mas que eu poderia me surpreender a qualquer momento. Em todas as aulas ao final eu me recordo que chamava atenção deles, que eu era também estudante e estava passando pela mesma situação que era estudar remotamente, e que pra mim era novo, mas eu teria que enfrentar este momento, sempre buscava anima-los que iriamos voltar ao normal e que seria passageiro.

Estava se aproximando o período de provas, eu já estava imaginando o que faria para aplicar e qual o método seria melhor para os alunos. Para preparar os alunos e melhorar a fixação dos assuntos, tive uma ideia de realizar uma atividade de palavra cruzada onde todos deveriam achar a palavra e defini-las. Eles gostaram da atividade, também me disponibilizei para tirar dúvidas sobre todos os conteúdos que caíram na prova, mas todos afirmaram a ausência de dúvidas sobre os conteúdos passados na unidade, então, finalizei a aula com a frequência. Conversando com a professora durante a semana chegamos ao consenso de realizar a prova no Google Forms, foi o método mais fácil que encontramos e também alguns professores da escola iriam utilizar. No dia da prova compartilhei o link com a professora madrinha da turma pois não era meu dia de aula, avisei que se precisassem de tirar algumas dúvidas eu estaria disponível, a professora madrinha enviou o link para o WhatsApp para os meninos responderem. Quando recebi todas as provas eu entrei em choque entre os 17 alunos presentes nas aulas de biologia, apenas 8 responderam o exame, fiquei triste pois me dediquei tanto, pesquisei a melhor forma de realizar a prova e apenas essa quantidade de alunos deram importância. Então, esperei o dia da aula para ter uma conversa com eles, perguntei

à turma o motivo de apenas 8 discentes terem respondido a prova e alguns se justificaram, mas era notório o desinteresse com as aulas, imagine com a aplicação da prova, eles não faziam questão de participar. Como era um método novo para os estudantes, decidi que aqueles que não responderam o exame teriam uma segunda chance e, para aqueles que já tinham respondido a avaliação, passei uma atividade. Naquele cenário, alguns dos meus planejamentos eu consegui executar, conforme os meus planos de aula, porém, outros não foram cumpridos. Isso ocorreu por falta de frequência dos estudantes, já que foi muito cansativo ter apenas dois ou três alunos participativos. Em alguns dias, a desmotivação vinha de mim e, às vezes, eu me questionava se realmente estava preparada para ser professora de ensino remoto, mas percebi que, como todos nós estávamos vivendo numa pandemia, tudo seria difícil e cansativo.

O meu último dia com os meninos, aproveitei a aula para me despedir e ouvir um feedback da turma; eu agradei aos alunos pela paciência comigo, dei conselhos sobre a importância do estudo, principalmente por serem do ensino médio e o Enem estar próximo. Agradei à professora Cláudia pela oportunidade de atuar na turma e os estudantes agradeceram pela minha paciência com eles e informaram que foi um método que eles aprenderam mais; eles até queriam que eu continuasse dando aula. Por fim, a professora Cláudia também comentou e agradeceu pela parceria da UNEB com a turma de estágio. Eu fiquei grata em ouvir os comentários sobre minhas aulas.

Anteriormente, a utilização das tecnologias em sala de aula servia apenas para substituir os quadros, pois o professor era totalmente o detentor de conhecimento e a fonte do saber (PIRES, 2015). Tal cenário precisa ser mudado, uma vez que as tecnologias, cada vez mais, constroem e colaboram com os saberes. Desse modo, o professor precisa ser mediador do conhecimento a partir de diferentes tipos de materiais didáticos.

Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é proporcionar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará, o que, de acordo com Silva (2001), evidencia a importância de pensar a formação em conjunto com o mundo do trabalho a partir de um projeto emancipador no qual os trabalhos manual e intelectual façam parte do mesmo processo. O Estágio, como uma trajetória de experiência prática que possibilita ao acadêmico a aproximação com a

realidade na sua área de formação e auxilia a compreensão de diversas teorias referentes ao exercício da profissão, é um componente essencial para o desenvolvimento dos futuros profissionais, visto que há a aproximação entre a universidade e a sociedade, a integração à realidade social e a possibilidade de vivenciar na prática a teoria adquirida (SCALABRIN E MOLINARI, 2013).

Eu me surpreendi com o meu desenvolvimento no estágio supervisionado II, já que, por conta da pandemia, encarei novos desafios como atuar em sala de aula online. No meu primeiro dia de estágio, pensei que não seria capaz e não conseguiria ser professora no modelo remoto, mas, com o caminhar, descobri como é bom ser desafiada, pois, se não fosse esse estágio, eu não saberia como me comportar em diversas situações e, como encarei esses dois momentos, estou preparada para atuar. Portanto, a realização do estágio supervisionado proporcionou-me uma experiência importante que contribuirá para a realização de um trabalho cada vez mais consciente, evitando situações extremas nas atividades em sala de aula e facilitando, desse modo, a aprendizagem dos alunos.

Nessa perspectiva, o estágio é importantíssimo, porque é um dos momentos mais significativos de qualquer curso de graduação. Os estudantes criam perspectivas em relação ao que ocorrerá nesse tempo, pois, após a aquisição dos conhecimentos teóricos, é o momento de colocar em prática o discutido durante o curso de formação, levando assim a teoria à prática no ambiente escolar. Essa é a importância não apenas do estágio, mas também do processo de formação acadêmica nos bancos escolares, haja vista que o embasamento teórico visto na sala de aula é essencial para a realização do estágio; o conhecimento científico é colocado em prática ao longo dele.

Diante dessa discussão, observamos o quanto o ensino remoto impactou na efetivação do estágio supervisionado na visão dos discentes de Licenciatura, pois muitos ainda não conseguiram se adaptar a esse momento e sentem-se desmotivados e exaustos, além de alguns não se sentirem preparados para o mercado de trabalho futuro. Por outro lado, a tecnologia trouxe inúmeros benefícios e associá-la à educação é algo cotidiano em algumas escolas que talvez ganhe mais força para que as Instituições de Ensino adotem o Ensino Híbrido, unindo os momentos presencial e virtual e mudando as estratégias e o formato de ensino nas escolas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho é um instrumento essencial para entender minhas ações como estagiária e atingir os objetivos estabelecidos no início desse estudo, que foram (i) descrever e comentar o papel desenvolvido por mim no estágio; (ii) diferenciar o meu trabalho como estagiária em tempos de pandemia; (iii) analisar minhas experiências enquanto estagiária no ofício de professor.

Escrever esse trabalho e lembrar as minhas caminhadas até a chegada à universidade foi extremamente importante. Nesse percurso, tive excelentes professoras de ciências e biologia por quem tenho uma grande admiração, pois foi por causa das metodologias utilizadas por elas – como a leveza em apresentar o conteúdo e o cuidado com os alunos – que eu refleti e acreditei que seria professora. Então, desde o início do meu percurso que uma identidade docente foi criada.

Relembrar minhas experiências como estagiária deixou-me saudosa. Ter essas vivências foi crucial para orientar a elaboração deste projeto. Ao realizar essa pesquisa, refleti sobre minhas ações como discente em biologia e o choque inicial causado pelo estágio. Aqueles que encaram o choque como estímulo e motivação lidam com o estágio de maneira mais leve e construtiva e são sensíveis às necessidades de cada aluno, independente dos comentários depreciativos sobre a profissão.

Com essa pesquisa, concluí que um estagiário exemplar é motivado internamente a buscar a prática. Resolver conflitos cotidianos na escola me ajudou, como aprendiz, a praticar a autoavaliação e a refletir sobre minha escolha profissional. As reflexões feitas nesse projeto contribuíram significativamente para que eu aprofundasse minha compreensão da profissão de professor enquanto as leituras referenciadas complementaram meus pensamentos e opiniões, dando forma a esse texto.

Durante a pandemia, apesar da interação dos estudantes com as tecnologias digitais ter se tornado crucial, nós enfrentamos desafios significativos devido à precarização dos serviços de internet em consonância com a falta de familiaridade com as plataformas. Isso afetou não apenas estagiários e estudantes, mas também professores, que, em sua maioria, não receberam orientação adequada sobre

ensino remoto ao longo da sua formação. Independente das dificuldades, o Ensino Remoto emergiu como uma solução para enfrentar a situação pandêmica, embora ainda existam obstáculos a superar para a efetivação das práticas educacionais digitais.

Os estagiários desempenham um papel crucial no ambiente escolar. O processo de estágio marca profundamente a vida do graduando, especialmente quando o licenciado tem a oportunidade de participar tanto de estágios quanto de programas de iniciação à docência de forma presencial ou remota, como foi o meu caso na mencionada universidade.

Como aprendiz, adoto as orientações mencionadas nesse projeto para desenvolver-me como uma profissional competente que busca constantemente o conhecimento pedagógico enquanto aprimora as habilidades necessárias na carreira docente, de modo que eu possa compartilhar experiências com quem me comprometo a ensinar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia Cristina A.; BIAJONE, Jefferson. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. **Educação e Pesquisa**, v. 33, n..2, p. 07-22, 2007. Acesso em 22 nov. 2023

ARAUJO, Beatriz R. Autonarrativas: **Tecendo redes entre os conceitos de autoria, complexificação e autoconstituição do humano**. In: VI Conferência Linguística e Cognição. Santa Cruz do Sul, set. 2013. Acesso em 20 nov. 2023.

BACCON, Ana Lúcia Pereira. et al. **Políticas Públicas de Formação de Professores: a construção de saberes docente na formação inicial e continuada em serviço no contexto PIBID**. Eixo 2. Políticas de Educação básica e de Formação e Gestão Escolar. Acesso em 20 nov. 2023.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Orgs.) **Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. 270p. Acesso em: 08 Jun. 2024

BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. São Paulo: Avercamp, 2006. Acesso em 19 nov.2023.

BELLONI, Maria Luiza. **Ensaio sobre a educação a distância no Brasil**. Campinas-SP: Educação e sociedade, abr, 2002. Acesso em 19 nov.2023.

BUENO, Belmira O. **Autobiografias e formação de professoras: um estudo sobre representações de alunas de um curso de magistério**. São Paulo; 1996. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Acesso em 24 nov.2023.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONSELHO PLENO. **RESOLUÇÃO CNE/CP 2, 19 DE FEVEREIRO DE 2002.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf> . Acesso em 5 dez.2023.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007 Acesso em 05 dez.2023.

Dassoler, O.B. & Lima, D.M.S.A **Formação e a profissionalização docente: características, ousadia e saberes.** Disponível em: <https://docplayer.com.br/6132620-A-formacao-e-a-profissionalizacao-docente-caracteristicas-ousadia-e-saberes.html> . Acesso em 05 dez. 2023.

DAY, C. Desenvolvimento Profissional de Professores: **os desafios da aprendizagem permanente.** Porto: Editora Porto, 2001. Acesso em 05 dez. 2023.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; PAULA, Simone G. de. Situação Juvenil e formação de professores: diálogo possível? **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente**, v. 3, n. 1, p.33-53, 2011. Acesso em 10 dez. 2023.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa.** In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41. Acesso em 10 dez. 2023.

FÁVERO, Leonor Lopes. **A Dissertação.** São Paulo: USP/VITAE, 1992. 104 p. Acesso em 10 dez 2023.

GOMES, William Barbosa; GOUER, Gustavo. Recordação de Eventos Pessoais: **Memória Autobiográfica, Consciência e Julgamento. Psicologia: Teoria e Pesquisa.**Out-Dez 2008, Vol. 24 n. 4, pp. 507-514. Acesso em 08 de dez. 2023.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2014. Acesso em 08 dez. de 2023.

JESUS, Rudvan Cicotti Alves de; JESUS, Iêda Cicotti de; JESUS, Lurian Cicotti Alves de. **Identidade docente: a formação de professores como requisito imprescindível para a qualidade da educação.** *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 21, 17 de setembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/21/identidade-docente-a-formacao-de-professores-como-requisito-imprescindivel-para-a-qualidade-da-educacao>. Acesso em 10 dez. de 2023.

LIBÂNEO, J. B. **A arte de forma-se.** 2 Ed. São Paulo: Edições Loola, 2001. Acesso em 12 dez.2023.

MARCELO G.C. **Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro.** *Revista de ciencias e da educação*, 8, 7-22, 2009. Disponível em: https://unitau.br/files/arquivos/category_1/MARCELO_Desenvolvimento_Profissional_Docente_passado_e_futuro_1386180263.pdf. Acesso em 15 fev.2024.

MENEZES, EbenezerTakuno de. Verbete ensino presencial. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil.** São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em < www.educabrasilcom.br/ensino-presencial >. Acesso em 12 fev.2024

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In NÓVOA, **A Vidas de Professores.** Porto: Porto Editora, 1995. Acesso em 12 fev. 2024.

NÓVOA, A. **Formação de professores e formação docentes.** Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992. Acesso em 14 fev. 2024.

NÓVOA, António S. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote; Instituto de Inovação Educacional, 1995. Acesso em 16 fev 2024.

OLIVEIRA, Eloiza S. G.; CUNHA, Vera Lúcia. O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. **Revista de Educación a Distância**, v. 14, n. 14, p. 1-18, 2006. Acesso em 15 de mai. 2024.

PANIZZOLO, C. et al. Programa de Residência Pedagógica da Unifesp: Avanços e desafios para a implantação de propostas inovadoras de estágio. In: **Políticas de Formação Inicial e Continuada de Professores**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Campinas, 2012. Acesso em: 08 abr. 2024

PELLANDRA, Nize Maria C.; PINTO, Maira M. Autonarrativas no fluxo da pesquisa: operando com operações dos observadores. **Educar em Revista**, n. 57, p. 261-274, 2015. Acesso em 24 fev. 2024.

PIMENTA, S. G. O. **Estágio na formação de professores: Unidade Teoria e Prática?** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. 186 p. Acesso em 24 fev. 2024

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004. Acesso em: 26 fev.2024.

PIRES, CARLA FERNANDA FERREIRA. Anexo: Depoimento O estudante e o Ensino Híbrido. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. [S. l.: s. n.], 2015. p. 66-72. Acesso em: 28 fev. 2024.

PONTE, J.P. **Desenvolvimento Profissional do Professor de Matemática**. **Revista Educação e Matemática**, Lisboa: APM, 1994. nº31, pp.9-12 e 20. Acesso em: 03 mar. 2024.

RONDINI, Carina. Alexandra; PEDRO, Ketilin. Mayra; DUARTE, Cládia. dos Santos. PANDEMIA DO COVID-19 E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: MUDANÇAS NA PRÁXIS DOCENTE. **EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 41–57, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57. Disponível em: Acesso em: 30 jun 2024.

SANTOS FILHO, Agnaldo Pedro. **O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente**. Revista P@rtes, 2009. Acesso em: 03 jun.2024.

SCALABRIN, C.I; MILINAI, C.M.A. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas**. UNAR – Revista Científica do Centro

Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson”, v. 7, n. 1, 2013. https://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf . Acesso em: 08 mai.2024.

SCHUELER, Paulo. **O que é uma pandemia**. *Bio-Manguinho*, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20pandemia%20%C3%A9,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa> . Acesso em: 07 jun. 2024.

Seabra AG, Dias NM, Capovilla FC. Avaliação neuropsicológica cognitiva: **leitura, escrita e aritmética**. Vol 3. São Paulo: Memnon; 2013. Acesso em: 08 Jun.2024

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche** - a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Acesso em: 08 mai. 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Acesso em: 19 nov.2024.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti et al. Ensino remoto diante das demandas do contexto pandêmico: reflexões sobre a prática docente. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 9, n. 9, pág. e843998153, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.8153. Disponível em: Acesso em: 30 jun. 2024.

ZABALA, A. **A Prática Educativa: Como Ensinar**.1995. Editora S.A. <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32079-politica-nacional-de-formacao-de-professores>. Acesso em: 08 abr. 2024.